

Educação, Economia Solidária e o Software Livre: Desafios contemporâneos para uma nova organização social.

Ieda Zimmermann.

Cita: Ieda Zimmermann (2008). Educação, Economia Solidária e o Software Livre: Desafios contemporâneos para uma nova organização social. *IX Congreso Argentino de Antropología Social*. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas.

Dirección estable: <http://www.aacademica.com/000-080/162>



**Educación, Economía Solidária e o Software Livre:
Desafios contemporâneos para uma nova organização social.**

Ieda Zimmermann
iedazim@gmail.com
Mestre em Educação

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS

Palavras chaves: Economia Solidária, Software Livre, Educação.

O objetivo do presente artigo é trazer elementos à discussão que permitam refletir sobre questões sociais contemporâneas que mantêm relação com o meio eletrônico, investigando grupos que se organizam e se reafirmam através do seu maior ícone, a Internet. O foco do olhar são as questões ligadas a economia solidária e ao software livre tomando como plano de fundo os processos pedagógicos envolvidos. Por entendermos que aspectos da vida diária estão direta ou indiretamente relacionados com o universo virtual, evidencia-se a importância de discutir a respeito das correlações de forças que acontecem nesse ínterim.

Associar Economia Solidária, Software Livre e Educação pressupõe, como linha de raciocínio, a idéia de um processo educativo em nível amplo, voltado a propostas de organização social. A educação numa sociedade, segundo (LUCKESI, 1994) “não se manifesta com um fim em si mesma, mas como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que a fundamentem e orientem os seus caminhos”. Parcelas importantes da sociedade como os movimentos sociais, movimento pela economia solidária, movimento pelo software livre, ONG’s, estudantes e uma grande gama de entidades organizadas na sociedade civil têm apontado o acesso à educação, e à educação de qualidade, como etapa prioritária na superação das desigualdades sociais. O Brasil, ao mesmo tempo em que está entre os 10% mais ricos, integra a metade mais pobre dos países em

desenvolvimento, sendo um dos primeiros do mundo em desigualdade social. Aqui, 1% dos mais ricos se apropria do mesmo valor que os 50% mais pobres. Há no país 56,9 milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza e destas, 24,7 milhões vivem em extrema pobreza (IBGE, 2003). Infelizmente as medidas governamentais adotadas para transformar esta realidade tem sido paliativas e não tem conseguido alcançar efetivamente melhorias na qualidade de vida dos seus usuários.

Na perspectiva de combater essa situação e acelerar os processos de transformação social reivindicados por movimentos sociais, percebemos transversalidades até pouco tempo impensadas como as afinidades entre os movimentos sociais e o que é proposto e experienciado pelo software livre: ambos defendem que se é necessário romper com o sistema econômico que adota padrões de vida e de consumo baseados em produtos que vem de fora do país, também é necessário romper com o padrão de consumo de tecnologia, que privilegia grandes empresas produtoras de software espalhadas pelo planeta. Os *royalties*¹, que são valores pagos às empresas proprietárias dos programas para que outras empresas e pessoas possam utilizá-los, poderiam ser aplicados em educação e em tecnologia mais viável, inclusive economicamente, como no caso da opção por software livre. Essa parece ser a preocupação dos movimentos sociais em relação à opção tecnológica para viabilizarem suas demandas: apostam numa tecnologia baseada no compartilhamento de informações e na possibilidade de adaptá-las a necessidades específicas, e também por ser o software livre uma construção coletiva, com forte cunho de solidariedade e cooperação entre seus desenvolvedores. Pierre Lévy (1999, p.23), filósofo e estudioso de questões sociais relacionadas com o meio eletrônico, nos alerta que “as técnicas carregam consigo projetos, implicações sociais e culturais bastante variados, sua presença em lugar e época determinados cristalizam relações de força sempre diferentes entre seres humanos”. Desde a descoberta do fogo, depois a roda, as grandes navegações, passando pela Revolução Industrial e até agora, o homem tem se utilizado da descoberta de novas técnicas para definir a hierarquia da sociedade, de tal forma que não possuir acesso às tecnologias da informação hoje, pode representar um veto cognitivo ao cidadão, levando

¹ *Royalties* são o pagamento de qualquer natureza pela exploração, uso ou pela concessão do uso de um direito de autor sobre uma obra literária, artística ou científica (inclusive os filmes cinematográficos, filmes ou fitas de gravação de programas de televisão ou radiodifusão), de uma patente, marca de indústria ou de comércio, desenho ou modelo, plano, fórmula ou processos secretos, bem como pelo uso ou pela concessão do uso de um equipamento industrial, comercial ou científico ou por informações correspondentes à experiência adquirida no setor industrial, comercial ou científico (ENCARTA, 2003).

a mais um tipo de exclusão, a exclusão digital, e, por fim, ao isolamento (SORJ, 2003). Talvez o grande desafio ante as novas tecnologias é conseguir que estas venham beneficiar uma parcela maior da população, diferentemente do que vem acontecendo até agora, para que ela possa ser apontada como uma importante aliada no combate a pobreza e a exclusão.

Formas alternativas de organizar a economia, as tecnologias, e o acesso a bens e serviços têm surgido diariamente. Dentre essas destacamos a economia solidária que aparece com o intuito de recuperar a prática de um comércio solidário, onde trocas sejam realizadas em função de outros valores que não exclusivamente o valor financeiro, impulsionando a formação de grupos auto-gestionários, cooperativos e com participação democrática de seus integrantes, de igual forma as comunidades desenvolvedoras de softwares livres tomam posicionamento diferente das grandes empresas: apostam na construção coletiva destes programas e apóiam-se mutuamente divulgando soluções livres na Internet para que qualquer pessoa que desejar possa fazer uso delas, sem ter que pagar altos valores por esta prática. São novas relações sociais em construção.

Questões inerentes e não menos importante reforçam nossa preocupação à medida que as relações de desigualdade social tem submetido as experiências educacionais aos interesses de mercado, em um processo de reconversão material e cultura (<http://www.forummundialeduacao.org>). Tal situação é plenamente verificável quando constatamos que nas áreas das tecnologias da informação e comunicação, há também um grande monopólio, representado na conhecida Microsoft, que se beneficia inclusive da pirataria dos seus softwares, espalhando suas janelas pelo planeta e agregando consumidores de sua tecnologia. Para conectar uma rede de economia solidária a uma rede que desenvolve softwares livre, é preciso que haja uma boa rede de relacionamentos humanos, de gente disposta a esse ligamento, a essa conectividade. Nesse aspecto, movimentos sociais e o movimento do software livre têm mostrado essencialmente a mesma gênese: originam-se de grupos com fortes afinidades ideológicas e com uma grande determinação de construir um modelo diferente de organização social.

A economia solidária, segundo Laville apud Lechat (2002) possui uma lógica distinta da lógica do mercado capitalista e do Estado, caracteriza-se pela valorização dos laços sociais e adoção de formas comunitárias de propriedade, onde as dimensões econômica, social e política são essencialmente articuladas. Os empreendimentos solidários que parecem mais promissores como alternativa viável para a economia popular, reúnem características do espírito empresarial moderno e princípios do solidarismo e da cooperação econômica apoiados na vivência comunitária. Para termos uma sociedade mais justa e sem tantas desigualdades e exclusão social entre seus pares, é preciso que a competição dê lugar à solidariedade, a outros mecanismos de organização social. O conceito de economia solidária tem como princípios básicos a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (SINGER, 2002). Ela, a economia solidária, é umas das cadeias que atua sob a forma de rede e que acabou de adotar o software livre por compartilhar princípios fundantes coerentes com sua lógica de organização e propostas.

A economia solidária surgiu logo após a ascensão do capitalismo industrial, em reação ao empobrecimento da população trabalhadora e das péssimas condições de trabalho encontradas naquela época, portanto, ela tem na sua origem uma forte crítica ao capitalismo (SINGER, 2002). Esta forma de organização da economia tem se fortalecido através das redes de troca de produtos e serviços que muitas vezes começam a se articular através das informações que circulam na Internet.

A integração entre os movimentos do software livre e de economia solidária surge como uma tendência promissora para ambos, na medida em que os empreendimentos econômicos solidários passam a se fortalecer pela utilização cada vez maior das tecnologias livres (particularmente no campo da Tecnologia da Informação) e profissionais que atuam na área do software livre começam a se organizar em empreendimentos econômicos solidários. Estes fornecem produtos, serviços e suporte em tecnologia da informação ao conjunto de organizações da economia solidária, como podemos observar na página do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES (<http://www.fb.es.org>)² que é toda desenvolvida em software livre e serve de canal para divulgação das atividades onde os dois temas aparecem em foco.

² Criado em 2001 para articular e mediar a participação nacional e das redes internacionais da Economia Solidária no I FSM, O Grupo de Trabalho Brasileiro de ES (GT Brasileiro) constituiu-se por organizações e redes de uma diversidade de práticas e segmentos da economia popular

Essa sinergia está permitindo a consolidação de alguns avanços ligados a ambos os Movimentos, bem como está desencadeando novas oportunidades de crescimento e expansão nesse setor, uma vez que a economia solidária está sendo - aos poucos - beneficiada com tecnologias adequadas para aprimorar o funcionamento de suas redes colaborativas, facilitando os fluxos de produção, comercialização e consumo solidários; e, por outro lado, iniciativas empresariais solidárias na área de desenvolvimento, produção e difusão de softwares livres começam a se propagar no atendimento às demandas de tecnologia da informação peculiares a essas redes e empreendimentos de Economia Solidária (AGUIAR, 2006).

É importante destacar que redes solidárias existem há muito tempo e embora elas “...possam existir perfeitamente sem recorrer à informática, valer-se de tal recurso facilita enormemente a organização e a expansão das redes” (MANCE, 1999, p.68). As tecnologias da informação e comunicação potencializam sobremaneira as redes em função de que “sem um adequado sistema de gerenciamento da informação, as redes de colaboração solidária não podem se expandir” (MANCE, 1999, p. 69). Posto que toda informação deve circular livremente pela rede, o mesmo deve acontecer com os programas que permitem incorporar tecnologias mais eficientes ao sistema.

Finalmente é preciso dizer que há uma grande caminhada pela frente, envolvendo os movimentos em questão, até que suas propostas finalmente se concretizem em realidade social amplamente aceita e difundida. Essa é tarefa que demanda paciência, coragem e determinação pelos componentes e pela sociedade de maneira geral. Certamente muitas questões imbricadas nessa problemática merecem ser melhor esclarecidas e debatidas sob pena de difundirmos a idéia de que a economia solidária e o software livre resolvem todos os problemas da nossa sociedade. Eles representam sim sinais de saturação do modelo vigente e reafirmam a força dos coletivos organizados que acreditam que um outro mundo é possível.

solidária: campo, cidade, práticas diminutas, práticas complexas, igreja, bases populares, bases sindicais, universidades, movimentos sociais populares, práticas governamentais, práticas de apoio ao crédito, práticas de redes de informação, vínculos às bases nacionais, vínculos às redes internacionais (FBES)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vicente. **Iniciativas de integração entre Economia Solidária e Software Livre.** 2006. Disponível em: <<http://twiki.softwarelivre.org/bin/view/EconomiaSolidaria/IniciativasDeIntegra%e7%e3o>>. Acesso 26 setembro de 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ENCARTA. **NAFTA.** 2003. Disponível em: <<http://www.encarta.com.br>> Acesso em: 12 de Nov. 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do século XX.** 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 25 de Março 2007.

MANCIE, Euclides André. **A Revolução das Redes:** a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

LECHAT, Noëlle M. P. **Economia social, economia solidária, terceiro setor: do que se trata?** Revista Civitas. Organizações e Movimentos sociais. Porto Alegre: Editora PUCRS, v. 2, n. 1, p. 123-140, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. de Carlos Irineu da Costa. 1. ed., São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1991.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com:** a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.